

○ Problema do Mal no Cristianismo, Hinduísmo e Budismo: Uma Abordagem Teosófica¹

The Problem of Evil in Christianity, Hinduism and Buddhism:
A Theosophical Approach

Ricardo Lindemann²

RESUMO

Apesar do Problema do Mal ser conhecido com algumas variantes pelo menos desde Epicuro na antiguidade, pretendeu-se resumi-lo contemporaneamente em três proposições: [1] Deus é Onipotente; [2] Deus é totalmente bom; [3] e ainda o mal existe. Foi assim publicado em 1955 pelo filósofo John Leslie Mackie, no seu artigo *Mal e Onipotência*, conhecido por sua acuidade lógica. A partir de sua análise crítico-investigativa, busca-se sua solução pela reflexão sobre tais clássicas indagações humanas com obras de diversos autores, visando oferecer uma contribuição à Filosofia da Religião, bem como um estudo comparativo das soluções provenientes de diversas tradições do Cristianismo, Hinduísmo e Budismo na esfera da Ciência da Religião, como estímulo para o diálogo inter-religioso. Nossa abordagem privilegiou, sobremaneira, a perspectiva moderna da Teosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Mal, Livre-arbítrio, Cristianismo, Hinduísmo, Budismo.

ABSTRACT

Despite the Problem of Evil was known with some variants at least since Epicurus in antiquity, it was intended to summarize it contemporaneously in three propositions: [1] God is Omnipotent; [2] God is wholly good; [3] and yet evil exists. It was thus published in 1955 by the philosopher John Leslie Mackie, in his article *Evil and Omnipotence*, known for its logical acuity. From its critical-investigative analysis, its solution is sought by reflection on such classic human inquiries with works of several authors, aiming to offer a contribution to Philosophy of Religion, as well as a comparative study of solutions coming from different traditions of Christianity, Hinduism and Buddhism in the sphere of Science of Religion, as a stimulus for interreligious dialogue. Our approach has greatly privileged the modern perspective of Theosophy.

KEYWORDS: Evil, Free-Will, Christianity, Hinduism, Buddhism.

¹ Recebido em 30/05/2017. Aprovado em 30/09/2017.

² Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: ricardolindemann@uol.com.br

Introdução:

O Problema do Mal, como tem sido chamado na história da Filosofia, tem desafiado a mente humana desde tempos imemoriais, e “é geralmente considerado como a mais forte objeção ao teísmo” (DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE, 2011, p. 380), mas tudo parece indicar que uma de suas formulações mais antigas de que se tenha registro foi assim apresentada por Epicuro (Samos, 341 a.C. – Atenas, 271 ou 270 a.C.) em seu Paradoxo, constituindo assim sua versão clássica, por meio de hipóteses alternativas:

Ou Deus quer eliminar o mal e não pode, ou pode e não quer, ou nem quer nem pode, ou pode e quer. Se quer e não pode, é fraco – o que não se pode aplicar a Deus. Se pode e não quer, é malévolo – o que é igualmente estranho à natureza de Deus. Se não quer nem pode, é simultaneamente fraco e malévolo e, portanto, não é um deus. Se quer e pode, que é a única coisa adequada a um deus, qual é então a origem do mal? Ou por que razão não o elimina Deus? [USENER, H. *Epicurea*. [Leipzig & Berlin, Teubner, 1987, repr. Stuttgart, Teubner, 1966. Frag. 374, p. 252-3] *apud* HUME, 2005, p. 105]

David Hume (Edimburgo, Escócia, 1711 – Edimburgo, Escócia, 1776), em sua época, também já destacava que “as velhas questões de Epicuro continuam por responder.” (HUME, 2005, p. 105). A intenção deste trabalho é comparar, dentro do possível, como o Cristianismo, o Hinduísmo e o Budismo respondem a este desafio. O Problema do Mal parece apresentar-se de forma mais aguda no Cristianismo, talvez devido à sua conceituação tradicional de um Deus Onipotente; e não parece afetar ao Budismo, por prescindir deste conceito; sendo que o Hinduísmo parece se encontrar numa posição intermediária entre estes dois extremos, como será visto no final deste artigo. Nossa abordagem privilegiou,

sobremaneira, a perspectiva moderna da Teosofia, fazendo recurso a uma bibliografia que inclui alguns de seus principais representantes.

Um texto mais recente do que a versão clássica de Epicuro, que parece ter adquirido notoriedade pela acuidade de sua lógica, foi o do filósofo John Leslie Mackie (Sydney, Austrália, 1917 – Oxford, Inglaterra, 1981), membro da British Academy for the Promotion of Historical, Philosophical and Philological Studies (Academia Britânica para a Promoção de Estudos de Históricos, Filosóficos e Filológicos), intitulado *Evil and Omnipotence (Mal e Onipotência)* publicado em 1955, assim apresenta o Problema do Mal, em sua forma mais simples, em três proposições:

- [1] Deus é Onipotente;
- [2] Deus é totalmente bom;
- [3] e ainda o mal existe. [MACKIE, 1955, p. 200]

No que tange ao Cristianismo, desenvolver-se-á este enfoque do Problema do Mal principalmente a partir deste artigo de Mackie, que tem um enfoque contemporâneo de Filosofia da Religião, mas parece preferencialmente dirigido a teólogos [MACKIE, 1955, p. 200]³, e que assim indica haver alguma contradição ou inconsistência nas três proposições quando tomadas em conjunto, ou seja, “se duas quaisquer forem verdadeiras, a terceira será falsa.” [Ibidem, p. 200]. Entretanto, o Problema particularmente “se apresenta na forma do teísmo comum” [Ibidem, p. 200], ou seja, no Cristianismo tradicional, pois é somente na medida em que se considera o mal oposto ao bem, e que não haja limites à onipotência divina que tal Problema se evidenciará, enquanto os enfoques do Hinduísmo e do Budismo diferem significativamente neste caso. Disso segue que um ser bom e onipotente “elimina completamente o mal” [Ibidem, p. 201], ou seja, então as proposições acima de que um ser bom e onipotente existe, e de que simultaneamente existe o mal, mostram-se incompatíveis. Contribuições de outros autores também serão consideradas, destacando-se Platão, Hume e Plantinga, visando solucionar o problema do mal.

³ Quando afirma: “Os argumentos tradicionais para a existência de Deus tem sido amplamente criticados pelos filósofos. Mas o teólogo pode, se desejar, aceitar essa crítica. Ele pode admitir que nenhuma prova racional da existência de Deus é possível.” [MACKIE, 1955, p. 200.] Mas, se assim não aceitar a crítica lógica, se poderia mostrar que não apenas que as crenças religiosas carecem de suporte racional, “mas que elas são positivamente irracionais.” [Ibidem, p. 200].

○ Problema do Mal no Budismo

A solução filosoficamente mais radical para a versão clássica do Problema do Mal parece ser aquela apresentada pelo Budismo tradicional, tal como sustentado pela tradição teosófica, em especial por H. S. Olcott. Essa solução, que simplesmente prescindem⁴ ou não depende de um conceito de Deus e que, portanto, elimina as proposições [1] e [2] de Mackie apresentadas na Introdução, encontra-se descrita no *Catecismo Budista* de Olcott: “O Universo evolui, não foi criado, funciona de acordo com a Lei, não segundo o capricho de um deus” [OLCOTT, 1983, p. 128], ou seja, a lei do *karma* rege todo universo manifestado, e “nossos próprios atos nos acarretam alegria ou miséria, segundo a maneira pela qual tenhamos agido.” [*Ibidem*, p. 54]. A lei do *karma* também parece associada à quarta solução investigada por Mackie relacionada ao livre-arbítrio, como será visto nos casos do Cristianismo e do Hinduísmo. Obviamente, a lei do *karma* pressupõe também a reencarnação ou renascimento, dependendo da respectiva escola, de modo que “o novo reencarnado, sendo o mesmo indivíduo que anteriormente, sob outra forma ou com uma nova agregação de *Skandhas* [ou personalidade [OLCOTT, 1983, p. 82 – 83]⁵], colhe justamente os frutos de seus pensamentos e de suas ações durante a existência precedente.” [OLCOTT, 1983, p. 85]. Também considera que a causa do mal é a ignorância [*avidyā*], sendo que a ignorância causa o sofrimento porque nos faz dar valor ao que não tem, “leva-nos a afligir-nos sem razão, a considerar como real o que é apenas ilusório, a passar a vida perseguindo objetivos sem valor e a negligenciar o que na verdade tem valor inestimável.” [*Ibidem*, p. 50.].

Cabe mencionar o nobre e grande esforço do Cel. H.S. Olcott, no século XIX, para conseguir a aproximação e concordância em alguns pontos comuns das

⁴ Prescinde talvez seja a melhor palavra, pois algumas escolas do Budismo não negam a existência dos deuses, embora não necessariamente os considerem onipotentes, como será visto, e no diálogo com *Vāsettha* o próprio Buda afirma conhecer *Brahmā*: “Pois eu conheço *Brahmā*, *Vāsettha*, e o mundo de *Brahmā*, e a senda que conduz a ele.” [PRUTHI, 2004, p. 24].

⁵ “O que é que renasce? Uma nova agregação de *Skandhas*, ou personalidade que é produzida pelo último pensamento gerador da pessoa que expira.” [OLCOTT, 1983, p. 82 – 83].

diversas escolas budistas [OLCOTT, 1983, p. 127 – 128]⁶ na passagem da obra citada, que caracterizou assim o primeiro Catecismo Budista (1881) com tal concordância praticamente universal em sua época, uma vez que que o Budismo surgiu no século VI a.C., e desde então desenvolveu diversas escolas com diferentes ênfases de interpretação; dificuldade que talvez seja até maior nas diferentes escolas, igrejas ou variantes de interpretação encontradas no Cristianismo e no Hinduísmo, conforme será visto.

O Budismo exotérico é contra especulações metafísicas, como se evidencia no diálogo de Buda com Malunkya Putra, no *Majjhima-Nikaya*: “Não esclareci se o universo é eterno, ou não é, etc., etc., porque não é útil [...], não conduzindo ao desapego, [...] ao Nirvana.” [SILVA & HOMENKO, 1999, p. 32]. No Budismo do Norte exotérico, ou popular, ainda existe certo sincretismo com o Hinduísmo e o culto aos deuses sobrevive, e a *Trimūrti* reaparece como *Mañjuśrī*, *Avalokiteśvara* e *Amitābha* [BESANT, 2000, p. 127-128]⁷, porém mesmo tais aspectos da Divindade são limitados pela manifestação, não sendo totalmente onipotentes, portanto não se aplicando a proposição [I] de Mackie apresentada na Introdução, como será visto comparativamente com o caso do Hinduísmo.

Em contraste, talvez fosse oportuno apresentar os ensinamentos sobre a natureza do mal segundo uma escola de Budismo Tibetano esotérico, que afirma: “O mal não tem existência *per se*⁸ e é apenas a ausência do bem; e existe apenas para aquele que é transformado em vítima sua.” [SINNET, 2001, v. 2, p. 60]. Considera ainda que a natureza é neutra: “A natureza é destituída de bondade ou maldade; ela segue apenas leis imutáveis...” [SINNET, 2001, v. 2, p. 60]⁹, portanto aqui não se

⁶ O Coronel Henry Steel Olcott (1832 - 1907), co-fundador (1875) e Presidente da Sociedade Teosófica (1875 – 1907) , graças a muitas viagens e interações com as diversas escolas do Sul e do Norte, conseguiu “a união de todo o mundo Budista, no que concerne, pelo menos a estas catorze proposições” [OLCOTT, 1983, p. 127 – 128] ou crenças fundamentais do Budismo, na Conferência Budista de 8 a 12 de janeiro de 1891, em Adyar, Madras (Chennai), Índia, com as inúmeras assinaturas dos Grão-Sacerdotes ou seus representantes do Japão, Birmânia (Myanmar), Ceilão (Sri Lanka), Chittagong (em Bangladesh), e posterior aprovação dos Lamas da Mongólia [OLCOTT, 1986, p. 127 – 136] [do chamado Budismo Tibetano].

⁷ “Na Igreja do Norte, menos prejudicada pelo materialismo, a adoração dos deuses sobrevive, e eles são adorados sob seus nomes hindus. Lá encontramos a *Trimūrti* reaparecendo sob nomes budistas: *Śiva* representado por *Amitābha*; *Viṣṇu* por *Padmapāni*, ou de outro modo por *Avalokiteśvara*; *Mañjuśrī*, ‘o representante da sabedoria criativa, correspondendo a *Brahmā*’ [Sanskrit-Chinese Dictionary, Eitel].” [BESANT, 2000, p. 127 – 128].

⁸ “Por si mesmo.” [N.T.].

⁹ “A natureza é destituída de bondade ou maldade; ela segue apenas leis imutáveis quando dá vida e alegria ou manda sofrimento e morte, destruindo o que havia criado. A natureza tem um antídoto

pode aplicar a proposição [2] de Mackie na Introdução. Acrescenta que a morte natural por velhice seria uma necessidade e não um mal, bem como possíveis acidentes que seriam compensados em vidas futuras, e que “o verdadeiro mal surge da inteligência humana e sua origem está inteiramente no homem que raciocina e que se dissocia da Natureza.” (*Ibidem*, v. 2, p. 60).

O budismo considera o desejo ou apego como a causa imediata do sofrimento, e chega à clássica conclusão: “O mal é o exagero do bem, produto do egoísmo e da ganância humanos.” (*Ibidem*, v. 2, p. 60). Porém, tudo parece indicar que resultados ainda piores podem surgir da mescla do egoísmo e da ganância com a ignorância e a superstição, como nessa escola também afirmam: “A ignorância criou os Deuses e a astúcia aproveitou a oportunidade.” (*Ibidem*, v. 2, p. 61)¹⁰ e, “...nós negamos a Deus como filósofos e como budistas.” (*Ibidem*, v. 2, p. 54). Porém, admitem a existência de uma Vida Una: “Podemos ser chamados de panteístas – de agnósticos, nunca.” (*Ibidem*, v. 2, p. 55). Alertam, entretanto, que tal conceito é distinto do Deus¹¹ tradicional dos teólogos: “Se as pessoas estiverem dispostas a aceitar e a ver como Deus nossa Vida Una, imutável e inconsciente em sua eternidade, poderão fazê-lo e assim manter mais um gigantesco equívoco de denominação” (SINNET, 2001, v. 2, p. 55), e então, por coerência, teriam também de afirmar como Spinoza que não se pode “conceber outra substância além de Deus.” (SINNET, 2001, v. 2, p. 55).

Por outro lado, se tal Vida Una se confunde com a natureza, não sendo nem boa nem má, seguindo apenas leis imutáveis, como foi mencionado acima, ou seja, não é um Deus que poderia ou deveria evitar o mal, então fica descaracterizada sua aplicação à segunda proposição de Mackie de um Deus totalmente bom, pois o mal se torna apenas uma consequência de se viver na ignorância, colhendo assim o

para cada veneno, e suas leis possuem uma recompensa para cada sofrimento.” (SINNET, 2001, v. 2, p. 60).

¹⁰ “A ignorância criou os Deuses e a astúcia aproveitou a oportunidade [...] Lembre que a soma da miséria humana nunca será diminuída até aquele dia em que a parte melhor da humanidade destruir, em nome da Verdade, da moralidade e da caridade universal, os altares dos seus falsos deuses.” (*Ibidem*, v. 2, p. 61 – 62).

¹¹ “Nós acreditamos em *Dhyān Chohans*, ou Planetários (“espíritos”, também), e atribuímos a eles uma mente universal.” (*Ibidem*, v. 2, p. 57). “Nós talvez estejamos aproximadamente corretos se a chamarmos de vida infinita, a fonte de toda vida visível e invisível... Ou ... pode ficar com os filósofos budistas do norte e chama-la de *Adi-Buddhi*, a suprema e absoluta inteligência que tudo permeia, com sua Divindade que se manifesta periodicamente – “*Avalokiteśvara*” ... o nome místico dado por nós às hostes de *Dhyān Chohans*.” (*Ibidem*, v. 1, p. 286).

sofrimento como mera consequência de ações, emoções ou pensamentos insensatos pela lei do *karma*. Pois, evidentemente, o Deus que esses filósofos do budismo esotérico tibetano estão negando é o Deus imaterial¹² dos teólogos que estaria fora da matéria: “Quando nós falamos de nossa Vida Una, também dizemos que ela não só penetra, mas é a essência de cada átomo de matéria [...], nosso ensinamento com respeito à Vida Una é idêntico ao dos *advaitas* com relação a *Parabrahm*” (SINNET, 2001, v. 2, p. 55 – 56), embora eles não se considerem *advaitas*, como será visto na parte referente ao Hinduísmo.

A escola *Mādhyamika* do Budismo Tibetano, fundada por *Nāgārjuna* (c. 150 – c. 250 d.C.) sustenta um sutil conceito de vazio (*śūnyatā*) de que “todas as coisas e fenômenos do mundo físico e psíquico tem a mesma natureza relativa [...] são todos igualmente sem natureza do eu, ou substância própria” (SILVA & HOMENKO, 1999, p. 259), incluindo o próprio mal, parecendo ter um efeito final similar ao de *Māyā* no *Vedānta* anulando a proposição [3] de Mackie, como será visto no Hinduísmo.

O Problema do Mal no Cristianismo

Na medida em que o Cristianismo tradicional depende de um conceito de Deus, as perguntas dessa religião que poderiam ficar subentendidas neste artigo, bem como no supracitado artigo de Mackie são: Existe algum Deus que possa ser compatível com a solução do Problema do Mal? E, caso exista: Quais as Suas características ou atributos?

¹² “Quem, exceto um teólogo formado no mistério e no mais absurdo sobrenaturalismo pode imaginar um ser auto-existente, necessariamente infinito e onipresente, *fora* do universo manifestado *que não tem fronteiras*? A palavra infinito é apenas uma negativa que exclui a ideia de limites. É evidente que um ser independente e onipresente não pode estar limitado por nada que seja externo a ele; que não pode haver nada externo a ele – nem mesmo um vácuo; portanto, onde haverá espaço para a matéria? [...] E no entanto eles [os teístas] sustentam que o Deus deles penetra a matéria embora ele próprio não seja matéria.” (SINNET, 2001, v. 2, p. 55).

Soluções Adequadas:

Mackie considera que podem existir variações ou concessões parciais das supracitadas proposições que se apresentem como soluções adequadas ao Problema do Mal. Isso seria particularmente verdadeiro se algum teólogo pudesse naturalmente desistir ou abdicar de pelo menos uma das três proposições que constituem o Problema do Mal (MACKIE, 1955, p. 201). Explicitando tais possibilidades alternativas, a título de mero exercício lógico, pode-se, por exemplo, pretender abdicar da segunda proposição, como parece que René Descartes (1596 – 1650) fez em sua obra *Meditações sobre Filosofia Primeira* (1641), quando admitiu temporariamente a suposição de que não existe um Deus ótimo ou bondoso, fonte soberana da verdade mas, antes, que pudesse existir: “algum gênio maligno e, ao mesmo tempo, sumamente poderoso e manhoso, que põe toda a sua indústria em que me engane.” (DESCARTES, 2004, p. 31). Na verdade, parece pouco provável que algum teólogo pudesse sustentar que Deus não fosse totalmente bom; pelo menos no caso do Cristianismo a proposição de que Deus é bondoso, ou é amor, é ponto essencial¹³. Ainda assim, Mackie lógica e hipoteticamente examina tal possibilidade, de que Deus não seja totalmente bom, embora pareça mais plausível que outras soluções adequadas ao problema lógico proposto venham a surgir a partir de alternativas nas outras proposições mencionadas.

Outra alternativa seria abdicar, pelo menos parcialmente, da primeira proposição referente à onipotência, ou seja, adotar interpretações parciais da onipotência divina¹⁴, ou que a divindade restringiria voluntariamente sua onipotência

¹³ O Deus cristão, é caracterizado na Escritura como essencialmente bondoso, amoroso (BÍBLIA SAGRADA, 1999. *1 João* IV: 8 – 16) e misericordioso (BÍBLIA SAGRADA, 1999. *Lucas* VI: 36), pois o Princípio do Amor e do Perdão é provavelmente um dos mais característicos do Cristianismo (BÍBLIA SAGRADA, 1999. *João* XIII: 34 – 35), ou seja, afirmar que “Deus é amor” (BÍBLIA SAGRADA, 1999. *1 João* IV: 8 – 16).

¹⁴ O Bispo Charles Webster Leadbeater (1847 – 1934), co-fundador da Liberal Catholic Church (1916), que também era budista, adota, por exemplo, essa hipótese, talvez inspirado por interpretações panenteístas do extremo oriente, e caracteriza o Absoluto como única Divindade impessoal ilimitada e distinta do aspecto da Divindade pessoal que se manifesta no tempo e no espaço deste sistema solar de forma necessariamente limitada, quando afirma: “Quanto a *Parabrahman*, o Absoluto, Ele não é pessoal de modo algum; Ele não é o que chamaríamos de uma existência. Sobre o Absoluto não há nada que possa ser afirmado, seja o que for, exceto que Ele não é isto, Ele não é aquilo; Ele não pode ser definido em qualquer plano que alguma vez tenhamos imaginado ou pensado. Como disse o Buda: “Não procurem por *Brahman* ou o pelo princípio em algum lugar.” Por mais determinado que seja o

na medida em que concedesse livre-arbítrio ao homem, como será visto sobre a solução que parece predominantemente adotada por Platão (PLATÃO, 1996, p. 234¹⁵), e também sustentada mais recente e contemporaneamente por Plantinga, como também ainda será visto. Aceitar as duas primeiras proposições aparentemente implicaria que o mal deveria ter sido eliminado ou nunca deveria ter existido. Contudo, a última alternativa lógica envolveria justamente abdicar-se da terceira proposição de que Deus criou o mundo e neste existe o mal, ou simplesmente querendo negar a existência do mal, o que pareceria difícil, ou mais plausivelmente buscando hierarquizar relativamente tipos de mal, ou simplesmente afirmar que o mal é uma ilusão¹⁶ transitória perante a bem-aventurança espiritual eterna, ou de que o bem divino não é exatamente oposto ao tipo de mal que existe no mundo, ou ainda considerar que o mal é a mera ausência ou privação do bem, como parece ter se tornado mais tradicional na filosofia cristã ou, pelo menos, parece ter sido a solução preferida por Clemente de Alexandria, Orígenes e Santo Agostinho¹⁷, portanto, “o mal que realmente seria oposto ao bem, não existe” (MACKIE, 1955, p. 201); então, nesses diversos casos em que se pode abdicar, pelo menos parcialmente, de alguma das três proposições, considera o autor que “o problema do mal não surgirá para ti” (*Ibidem*, p. 201), mas lembra que ao adotar-se modificações pelo em pelo menos uma das três proposições poderão surgir novos problemas ou inconsistências para se enfrentar. Obviamente, o problema do Mal somente surge

buscador, o Absoluto nunca pode ser alcançado. “Veu após veú pode ser removido, mas sempre haverá veú após veú por detrás.” É inútil especular; *Brahman* só pode ser compreendido em Seu próprio nível... Quando falamos de Deus, referimo-nos, para todos os efeitos práticos, ao *Logos* [palavra grega que corresponde à latina *Verbo*, N.T.] de nosso sistema solar. O *Logos* é mais compreensível do que o Absoluto, porque Ele se elevou vagarosamente a partir de nossa própria humanidade. A matéria física no Sol e nos planetas de nosso sistema forma Seu corpo físico; a matéria astral dentro dos limites do sistema é o Seu corpo astral; a matéria mental, Seu corpo mental. Portanto, somos todos parte d’Ele.,’ (LEADBEATER, 1994, p. 35-36.) Tal ideia também se encontra na Bíblia: ‘Pois Nele vivemos, e nos movemos e temos o nosso ser.’ (BÍBLIA SAGRADA, 1999. Atos XVII: 28.) (LINDEMANN & OLIVEIRA, 2011, p. 109).

¹⁵ Quando Platão afirma em *A República*: “A responsabilidade é de quem escolhe: Deus está inocente nisso” (PLATÃO, 1996, p. 234.) [Mito de Er - *República*, Livro X, § 617e]. Tradução alternativa: “A responsabilidade cabe a quem escolhe. Deus não é responsável.” (PLATÃO, 2012, p. 411).

¹⁶ Parece lembrar a linha de solução adotada pela filosofia *Vedānta*, ainda quando nesta a ilusão (*māyā*) se aplique não somente ao mal, mas a “todo universo visível.” (ZIMMER, 2012, p. 48).

¹⁷ Conforme considera Abbagnano: “A identificação do Mal com o não-ser torna-se tradicional na filosofia cristã. É retomada por Clemente de Alexandria (*Strom.*, IV, 13), por Orígenes (*De Principiis*, I, 109) e por S. Agostinho, que a difunde no mundo ocidental. S. Agostinho diz: ‘Nenhuma natureza é Mal, e esse nome indica apenas a privação do Bem’ (*De civ. Dei*, XI, 22). Portanto, ‘todas as coisas são boas, e o Mal não é substância, porque se fosse substância seria Bem’ (*Conf.*, VII, 12.)” (ABBAGNANO, 1999, p. 638). Orígenes também afirma que “o mal é a carência do bem.” (ORÍGENES, 2012, p. 181. [*De Principiis* II, 9, 2]).

quando se sustentam plena e simultaneamente as três proposições às últimas consequências ou sem nenhuma concessão.

Mackie comenta também o que Pope escreveu, de que “‘desordem’ é apenas harmonia não compreendida” (MACKIE, 1955, p. 202), considerando que então o “mal parcial” mencionado na sequência, por uma questão de consistência, deve significar “‘aquilo que, tomado isoladamente, falsamente parece ser mal’, mas significaria mais naturalmente ‘aquilo que isoladamente, realmente é mal’” (*Ibidem*, p. 202), e critica comentando que o “mal parcial” foi considerado de forma hesitante como se não fosse realmente mal, como se somente a qualidade universal fosse real, mas que o “mal parcial” seria “realmente um mal, mas apenas um mal pequeno...” (*Ibidem*, p. 202). A questão da inconsciência lógica, porém, não deveria estar no aspecto quantitativo, mas obviamente no qualitativo, porque de qualquer forma o mal está presente e, portanto, caracterizando o Problema do Mal que está em análise, apesar de Deus ser totalmente bom. Entretanto, Mackie alerta também para as soluções irresolutas (ou de meio coração), ou sem convicção, ou seja, aquelas em que ocorre uma rejeição temporária de uma das três proposições supracitadas que constituem o Problema do Mal, mas que mesmo depois de uma destas ter sido explicitamente rejeitada, é, de alguma forma, “dissimuladamente reafirmada ou assumida em outro lugar no sistema.” (*Ibidem*, p. 202).

Soluções Falaciosas:

Além das soluções irresolutas mencionadas acima, Mackie alerta ainda para soluções que são definidamente falaciosas na medida em que mantêm explicitamente as três proposições do problema, “mas implicitamente rejeitam pelo menos uma delas ao longo do argumento” (*Ibidem*, p. 202), e enumera então quatro casos que se enquadrariam nesta categoria. Mackie alerta que tais soluções falaciosas frequentemente envolvem algum uso equivocado das palavras “bem” e “mal”, se apoiam em algum sentido vago pelo modo pelo qual se opõem uma à outra, ou em quanto ou como se pretende dar significado à “onipotência”.

A primeira destas soluções falaciosas enumeradas por Mackie é a de que “[l]o bem não pode existir sem o mal” (MACKIE, 1955, p. 203) ou, variante da anterior,

que “o mal é necessário como uma contraparte do bem.” (*Ibidem*, p. 203). Esta solução se baseia na ideia de uma existência polarizada, em que o bem e o mal são mutuamente dependentes ou se constituem mutuamente, como justificativa para a existência do mal apesar de Deus ser totalmente bom.

Mackie considera tal solução falaciosa porque ela parece responder à pergunta “Por que deveria o mal existir?” mas, se Deus for realmente onipotente, Ele deveria ser capaz de criar um mundo sem o mal, como, por hipótese, poderia criar um mundo sem o vermelho. Por analogia, em tal mundo hipotético, o vermelho não existiria e, portanto, poderia ser percebido, porque a qualidade do vermelho pode ser percebida ou “ocorrer, é sugerido, somente se ‘a qualidade do não-vermelho’ também ocorrer.” (*Ibidem*, p. 204)¹⁸.

Em essência, Mackie critica primeiramente que a afirmativa de que “o mal é necessário como uma contraparte do bem” determinaria um limite à onipotência divina, ou seja, à capacidade do que Deus poderia criar, embora então mencione que tratará posteriormente do Paradoxo da Onipotência com mais detalhe, pois será visto que ele parece preferir associar tal paradoxo àquela solução de que o mal é devido ao livre-arbítrio humano. Antecipa, porém, que poderia se pretender alegar tais limites à onipotência divina estariam sempre pressupostos, ou de que “a onipotência nunca significou o poder de fazer o que é logicamente impossível” (*Ibidem*, p. 203) e de que na visão atual seria logicamente impossível existir um mundo onde o bem existisse sem o mal. Entretanto, comenta que embora este pareça ser o ponto de vista mais comum do teísmo, “eu penso que alguns teístas pelo menos têm sustentado que Deus pode fazer o que é logicamente impossível” (*Ibidem*, p. 203), ou até chegam a afirmar que “a lógica é o modo pelo qual Deus arbitrariamente escolhe pensar.” (MACKIE, 1955, p. 203). Obviamente, tais posições seriam inconsistentes com aquela outra alegação supramencionada de que Deus está limitado por necessidades lógicas.

Em segundo lugar, Mackie afirma que tal solução que ele considera falaciosa, a saber, a de que “o mal é necessário como uma contraparte do bem”, “nega que o mal se oponha ao bem em nosso sentido original” (*Ibidem*, p. 204), pois se o bem e o mal forem caracterizados como contrapartes, uma coisa boa não poderá eliminar

¹⁸ Grifo ou aspas internas do tradutor. (N.T.)

uma coisa má, a não ser que o mal seja apenas a privação do bem, o que já caracterizaria outra solução supramencionada, e “algum argumento adicional seria necessário para mostrar que eles [o bem e o mal] são contrapartes do mesmo modo que genuínos opostos lógicos.” (*Ibidem*, p. 204 – 205). Considera ainda que “existe ainda dúvida da correção do princípio metafísico de que uma qualidade tem de ter um real oposto” (*Ibidem*, p. 205), mas concede que, logicamente, “Deus poderia ter feito tudo bom, no entanto nós não o teríamos percebido se Ele o tivesse feito” (*Ibidem*, p. 205), na medida em que nós observamos coisas e qualidades somente se elas tiverem opostos reais.

Numa última crítica lógica à esta primeira solução que ele considera falaciosa, a saber, a de que “o mal é necessário como uma contraparte do bem”, Mackie considera que mesmo que fosse concedido como verdadeiro o princípio metafísico de que uma qualidade tem de ter um real oposto, então tal solução seria adequada somente no caso de se estar preparado para dizer “‘O mal existe, mas somente na justa medida em que o mal serve como a contraparte do bem.’ Eu duvido se qualquer teísta aceitará isto.” (*Ibidem*, p. 205)¹⁹.

A segunda destas soluções falaciosas enumeradas por Mackie é a de que “[2] o mal é necessário como um meio para o bem” (*Ibidem*, p. 205), ou seja, de que o mal não seria apenas uma contraparte necessária para a existência do bem, como foi visto na solução anterior, mas como um meio para o bem, o que implicaria uma relação causal e, portanto, uma severa restrição na onipotência divina. Tal lei causal indicaria que não se poderia obter um certo fim, a menos que fosse utilizado um certo meio, portanto, “se Deus tem de introduzir o mal como um meio para o bem, Ele tem de estar sujeito a pelo menos algumas leis causais” (MACKIE, 1955, p. 205), conflitando certamente com o significado teísta de onipotência. Tal ideia de ser Deus

¹⁹ Talvez essa dúvida se aplique ao teísmo cristão, mas dentro do Hinduísmo e da Filosofia *Vedānta* é exatamente este o conceito de harmonia cósmica e do respectivo ajuste da lei do *karma* ou de compensação, pois *Īśvara* ou a Divindade Pessoal de um sistema solar é limitada e subordinada à lei de causa e efeito enraizada no Absoluto Impessoal e Não-manifestado, análoga a um oceano absoluto que mantém seu nível horizontal igual ou como uma contabilidade universal na qual todas as somas resultam em um grande zero, “operando no reino da vida humana e produzindo ajustes entre um indivíduo e outros indivíduos afetados por seus pensamentos, emoções e ações. [...] Esta lei de compensação não governa somente esferas de vida limitadas ou fenômenos naturais, mas é universal em sua aplicação. [...] A compensação governa cada esfera da vida e da Natureza porque o universo está enraizado no Absoluto e é uma expressão Dele.” (TAIMNI, 1989, p. 33).

limitado por leis causais²⁰ conflita até mesmo com a visão de que tais leis tenham sido criadas pelo próprio Deus onipotente, de modo que a questão de ser ou não possível para um ser onipotente limitar-se a si mesmo será tratada adiante por Mackie no Paradoxo da Onipotência.

A terceira destas soluções falaciosas enumeradas por Mackie é a de que “[3] o universo é melhor com algum mal em si do que poderia ser se não existisse nenhum mal” (MACKIE, 1955, p. 206), e ela apresenta maior complexidade que as anteriores, embora possa parecer como sendo apenas uma variante delas. A ideia de que o mal pode de algum modo contribuir para o bem do todo no qual se encontra pode ser apoiada pela analogia musical, ou seja de que numa obra musical “podem ocorrer notas discordantes que de alguma maneira acrescentam à beleza da obra como um todo.” (*Ibidem*, p. 206). Outra alternativa de apoio poderia acrescentar um importante elemento de progresso por uma evolução²¹ e de que, então, não seria estática a melhor organização possível do universo, visando, talvez, uma superação final do mal, ou seja, “a gradual superação do mal pelo bem é realmente algo mais refinado do que seria uma eterna supremacia do bem que nunca foi desafiada.” (*Ibidem*, p. 206).

Em qualquer caso, esta solução inicia criando uma gradual e progressiva hierarquia de males e assume que o problema do mal é primariamente o assim chamado mal físico, ou seja, a dor. Evidentemente, para haver heroísmo e coragem tem de haver a superação de um desafio, e da mesma forma se não houver primeiramente dor ou miséria como poderia surgir a compaixão? Então, o heroísmo, a coragem, a compaixão já constituem um segundo nível de bens, mas também surgirá um correspondente segundo nível de males como a covardia, a crueldade, etc. Assim, segundo Mackie, muitos teístas tomam a oportunidade com frequência

²⁰ Como foi visto em notas anteriores, talvez esse conflito se aplique ao teísmo cristão, mas dentro do Hinduísmo e da Filosofia *Vedānta* não existe tal conflito pois a lei do *karma* ou de compensação é universal, portanto *Īśvara* (ZIMMER, 2012, p. 299) ou a Divindade Pessoal de um sistema solar é apenas um aspecto do Absoluto, tendo uma onipotência limitada e subordinada à lei de causa e efeito enraizada em *Parambrahman* ou Absoluto Impessoal e Não-manifestado (*Ibidem*, p. 267).

²¹ Também dentro do Hinduísmo e particularmente da Filosofia do *Yoga* tem-se evidência de como a lei de evolução como propósito da vida [união do espírito e da matéria] já era mencionada por Patañjali há mais de 2.000 anos atrás: “O propósito da união de *puruṣa* [espírito] e *prakṛti* [matéria = > corpo] é a conscientização, pelo *puruṣa* [espírito], de sua verdadeira natureza [autoconhecimento] e do desenvolvimento dos poderes inerentes a ele e a *prakṛti* [matéria => evolução do corpo].” (TAIMNI, 1996, p. 156 [*Yoga-Sūtra* II: 23]). Portanto, Dr. Taimni conclui no respectivo comentário que, segundo Patañjali, é o espírito que na busca de si mesmo orienta a evolução dos corpos para expressar suas potencialidades, e não um processo meramente ao acaso por seleção natural.

para questionar aqueles que consideram o mal pelo seu nível mais inferior e materialista para afirmar que assim estariam ignorando “os bens mais espirituais que podem se originar da luta contra os males.” (MACKIE, 1955, p. 206.)

Mackie, entretanto, apresenta muitas objeções a esta solução. A ideia de uma hierarquia de sucessivas ordens ou níveis de bens e males e de que, assim, os mais elevados bens têm “meramente valor derivativo” (*Ibidem*, p. 207), que eles não são tipos de bens mais elevados, mas meramente meios para o bem de nível 1 ou felicidade. Segue ainda “que Deus não é, segundo nossa percepção, benevolente ou compassivo: Ele não está interessado em minimizar o mal de nível 1, mas somente promover o bem de nível 2; e esta pode ser uma conclusão perturbadora para alguns teístas.” (*Ibidem*, p. 207). Além disso, quando se cria uma hierarquia progressiva de níveis de bens e males e se entra “no caminho para uma regressão infinita” (*Ibidem*, p. 208), ressurge sempre um novo mal a cada nível como um novo problema a ser resolvido.

A quarta e última destas soluções falaciosas enumeradas por Mackie é a de que “[4] o mal é devido ao livre-arbítrio humano” (*Ibidem*, p. 208), e ele assim considera que talvez esta seja a mais importante solução proposta para resolver o problema do mal na medida em que “o mal não é em absoluto atribuído a Deus” (*Ibidem*, p. 208), mas atribuído à responsabilidade das escolhas livres de ações independentes dos seres humanos, que se supõem tenham assim sido agraciados por Deus com o livre-arbítrio.

Esta é a clássica solução apresentada por Platão em *A República*: “A responsabilidade é de quem escolhe: Deus está inocente nisso” (PLATÃO, 1996, p. 234)²²; que segundo Jaeger, seriam as palavras mais importantes de toda obra de Platão (JAEGER, 2003, p. 994). Trata-se de uma proclamação do livre-arbítrio feita por um intérprete divino (PLATÃO, 2012, p. 411)²³ ou profeta (PLATÃO, 1996, p. 234)²⁴, segundo o Mito de Er, no livro décimo de *A República*, associada ao mérito do cultivo da virtude que assim determina a escolha das vidas. Porém, uma vez que o tal profeta apanha as sortes e modelos de vida dos joelhos de Láquesis, a escolha não é mais totalmente livre, mas realizada dentre as opções disponíveis condicionada

²² Escolha das Vidas - Mito de Er - *República*, Livro X, § 617e.

²³ Mito de Er - *República*, Livro X, § 617e.

²⁴ Mito de Er - *República*, Livro X, § 617e.

pelos efeitos resultantes de causas escolhidas no passado, uma vez que Láquesis é a moira do passado²⁵, como considera Jaeger, que o próprio ato da escolha parece situar-se “num momento único decisivo anterior à vida” (JAEGER, 2003, p. 995), mas a alma já percorreu o ciclo dos nascimentos em sua transmigração, não sendo uma folha virginal sem nenhuma escrita. Portanto, Jaeger conclui coerentemente que “sua opção [da alma] está predeterminada pela vida que a precedeu.” (*Ibidem*, p. 995). Portanto, tal solução de Platão, que pressupõe a transmigração das almas, só se aplica plenamente ao caso do Cristianismo enquanto ainda havia espaço oficial para a doutrina da reencarnação ou transmigração que o Pe. Orígenes de Alexandria ou seus seguidores em seu nome sustentaram por três séculos até o século VI d.C.²⁶

Mackie considera que esta quarta solução envolve de alguma forma a anterior num nível mais elevado, pois para explicar por que o livre-arbítrio foi dado ao homem por um Deus totalmente bom ainda quando isso levasse a alguns importantes males, “é necessário argumentar que é melhor para o todo que os homens devam agir livremente, e às vezes errem, do que eles devam ser inocentes autômatos, agindo corretamente de uma maneira totalmente determinada” (MACKIE, 1955, p. 208), ou seja, a própria liberdade passa então a ser um bem mais elevado como de terceira a ordem ou nível, portanto mais valiosa do que outros de segunda ordem ou nível, tais como heroísmo e compaixão, como foi visto, “e está sendo assumido que males de segunda ordem [ou nível], tais como crueldade, são

²⁵ “...as filhas da Necessidade [*Anankē*], as Moiras, vestidas de branco e com a cabeça coroada de fitas, Láquesis, Cloto e Átropos, cantam, acompanhando a harmonia das Sereias [dos planetas]: Láquesis o passado, Cloto o presente, Átropos o futuro.” (PLATÃO, 2012, p. 409) [*A República*, § 617c] Jaeger lembra a declaração de Platão de que “duas são as fontes de onde brota a fé na existência do divino: o conhecimento das órbitas circulares matemáticas, eternamente invariáveis, em que se movem os corpos celestes e o ‘ser que eternamente flui’ dentro de nós, isto é, a alma.” (JAEGER, 2003, p. 1373-1374) [*Leis* § 966].

²⁶ “O fato histórico é que até a resolução do Concílio Constantinopla II em 553 d.C. ainda havia espaço oficial no Cristianismo para a doutrina da reencarnação e que Orígenes [185 – 253 d.C.] ou seu grande número de seguidores em seu nome, sustentaram a transmigração das almas pelo menos por três séculos ocupando tal espaço. Foi o imperador Justiniano I quem não mediu esforços e usou todos os meios, inclusive destituindo e exilando o Papa anterior, o Papa Silvério que assim morreu de subnutrição, e nomeando seu sucessor, o Papa Vigílio, que se recusou a comparecer ao supramencionado Concílio, para condenar os três capítulos que acabaram por atingir a doutrina da preexistência da alma de Orígenes, condição *sine qua non* para a transmigração das almas, conforme considera Butterworth: “O fato de que havia muitos seguidores de Orígenes mesmo no século VI – foi a sua existência e influência que fez Justiniano tão ávido de assegurar a condenação de Orígenes – teria tornado necessário ser cauteloso. Havia abundante material para condenação, de acordo com as ideias de Justiniano, sem a necessidade de pervertê-lo ou exagerá-lo.” (ORIGEN, 1973, p. xlix.)” (LINDEMANN, 2014, p. 98 *et seq.*).

logicamente necessários acompanhamentos da liberdade” (MACKIE, 1955, p. 208), ainda que agora esses males sejam atribuídos aos seres humanos e, portanto, Deus não pode ser considerado responsável por tais males.

A crítica de Mackie à esta quarta solução, de que o mal é devido ao livre-arbítrio humano, reflete-se na pergunta: “por que Ele [Deus] não pode fazer os homens de tal maneira que eles sempre escolhessem livremente o bem?” (*Ibidem*, p. 209)²⁷, embora escolher livremente de forma direcionada não pareça muito coerente. Plantinga, em favor do livre-arbítrio outrora defendido por Platão, dá uma resposta contemporânea à Mackie que parece mais coerente, após longo argumento que é necessário omitir pela carência de espaço, mas em resumo: “Deus não poderia ter criado um mundo contendo bem moral sem ter criado um mundo contendo mal moral” (PLANTINGA, 1974, 173)²⁸, ou seja, apesar de Deus ser onipotente, não estava em seu poder criar um mundo que contivesse bem moral, mas não contivesse mal moral.

Talvez seja oportuno acrescentar a própria definição de mal moral apresentada por Plantinga: “Precisamos distinguir entre mal *moral* e mal *natural*. O primeiro é o mal que resulta de algum ser humano agindo incorretamente com relação a uma ação que é moralmente significativa para ele; qualquer outro mal é mal natural.” (PLANTINGA, 1974, 166)²⁹. Entretanto, Mackie prossegue sua crítica, afirmando que há uma dificuldade que ele considera fundamental na noção de “um Deus onipotente criando os homens com livre-arbítrio, pois se as vontades dos homens são realmente livres isso tem de significar que mesmo Deus não pode controlá-las, ou seja, que Deus não é mais onipotente.” (MACKIE, 1955, p. 210). O próprio Mackie considera que poder-se-ia argumentar que isso não significaria necessariamente que Deus não poderia mais ter o poder de controlar as vontades dos homens, mas que ele sempre refrearia tal poder de controlá-las. Mackie ainda

²⁷ Na verdade, Mackie estaria perguntando por que Deus não nos criou já perfeitos como Cristos ou Budas iluminados? Mas isso seria o mesmo que ignorar todo o propósito evolutivo da vida como uma escola, como foi considerado na nota 19 sobre o propósito da vida. Similarmente, poder-se-ia perguntar por que a evolução é necessária? Mas isso são perguntas últimas (*atiprasnas*) sobre a vontade da divindade que, segundo a Filosofia do *Yoga*, só podem ser respondidas além da mente humana, ingressando pelo êxtase na mente divina. (LINDEMANN & OLIVEIRA, 2011, p. 153).

²⁸ “Accordingly the Free Will Defender’s claim – that God could not actualized a world containing moral good without actualizing one containing moral evil.” (PLANTINGA, 1974, 173).

²⁹ “We must distinguish between *moral* evil and *natural* evil. The former is evil that results from some humans being’s going wrong with respect to an action that is morally significant for him; any other evil is natural evil.” (PLANTINGA, 1974, 166).

pergunta: “Por que não deveria Ele [Deus] deixar os homens livres para agir corretamente, mas intervindo ³⁰ quando Ele os vê começando a querer incorretamente?” (MACKIE, 1955, p. 210) Ele conclui considerando que só haveria coerência se Deus tivesse feito os homens tão livres que não poderia mais controlar as suas vontades, e isso levaria ao Paradoxo da Onipotência, a saber: “Pode um ser onipotente criar coisas que posteriormente ele não poderia controlar?” (*Ibidem*, p. 210) Como, por analogia, um mecânico poderia criar uma máquina que posteriormente escapasse ao seu controle, mas os seres humanos com vontade livre não poderiam também assim sair do controle de Deus?

Outra forma de apresentar o Paradoxo da Onipotência: “Pode um ser onipotente criar leis que então o limitam?” (*Ibidem*, p. 210). No caso de responder-se afirmativamente, então o ser onipotente perderá sua onipotência se não puder mais controlar as coisas ou criaturas que criou, ou criar leis que o limitem, portanto ele deixará de ser onipotente depois de tê-las criado. No caso da negativa, já se afirma imediatamente que há coisas que ele não pode fazer, ou seja, ele já não é onipotente. Portanto a questão não poder ser respondida satisfatoriamente em nenhum caso, o que constitui o paradoxo. Portanto, Mackie conclui que nenhuma das soluções propostas resolve o problema do mal, ou seja, sem que alguma modificação de pelo menos uma das três proposições constituintes. Por outro lado, do Paradoxo da Onipotência ele conclui que nenhuma onipotência pode ser atribuída a qualquer ser que tenha continuidade no tempo.

O Problema do Mal no Hinduísmo

Considerando o Budismo como uma espécie de continuação ou reforma do Hinduísmo, o pensador teosófico Ravindra afirma: “No Budismo, como no Hinduísmo, a ignorância é a raiz de todo mal e sofrimento. No Hinduísmo, a ignorância é de quem nós somos; no Budismo a de quem nós não somos.”

³⁰ No Cristianismo sugere-se que é necessário um tempo para a ação frutificar segundo uma teodiceia ou justiça divina: “Tudo que o homem semear; isso também ele colherá” (BÍBLIA SAGRADA, 1999. *Gálatas VI: 7*), no extremo oriente é chamado de lei de ação e reação ou *karma* que tudo compensa. (TAIMNI, 1989, p. 33).

(RAVINDRA, 1991, p. 70). Talvez até o Cristo tenha feito consideração similar, dependendo da interpretação, quando afirmou: “Conhecereis a verdade, e verdade vos libertará” (*João VIII: 32*), pois então seria por meio de um conhecimento da verdade que se poderia conquistar a libertação.

Apesar de ser difícil falar, senão genericamente, das inúmeras escolas do Hinduísmo, talvez a grande diferença em relação ao Cristianismo, ainda quando ambos sejam teístas, é a de que no Hinduísmo a própria Divindade está condicionada e limitada em sua onipotência ou submetida à lei do *karma* – lei que já foi mencionada anteriormente no Budismo.

O Hinduísmo, ou *Sanātana Dharma*, parece mais naturalmente inclinado a especulações metafísicas, diferentemente do Budismo, como foi considerado anteriormente, e tem um conceito fundamental apresentado nos *Upaniṣads* de que a Divindade apresenta dois estados chamados “os dois estados de *Brahman*” (BRHAD-ĀRANYAKA Upaniṣad II, iii, 1 *apud* BESANT, 1998, p. 13), denominados *Nirguṇa* e *Saguṇa Brahman*, como comenta Besant: “Às vezes o hindu fala do Todo como *Nirguṇa Brahman*, o *Brahman* sem atributos, ou o *Brahman* incondicionado” (BESANT, 1998, p. 13), também conhecido como o Absoluto ou *Parabrahman* “Isto é para distinguir o não manifestado estado de *Brahman*, o Todo, do estado manifestado, no qual *Brahman* é chamado de *Saguṇa-Brahman*, o *Brahman* com atributos, ou o condicionado *Brahman*, o Supremo *Īśvara* com Seu universo.” (*Ibidem*, p. 13).

Parece importante considerar que, por definição, *Nirguṇa Brahman* ou *Parabrahman* não é um Deus pessoal com atributos, nem sequer é manifestado. *Parabrahman* é antes uma lei imutável destituída de bondade ou maldade à qual, portanto, não se aplica a proposição [2] de Mackie, tal qual também foi considerado no caso do Budismo à respectiva Vida Una então considerada. Uma de suas expressões no mundo manifestado é a lei do *karma*, como afirma Blavatsky: “O *Karma* é uma Lei Absoluta e Eterna no Mundo da Manifestação [...] O *Karma* é uno com o Incognoscível [*Parabrahman*, N.T.], do qual é um aspecto em seus efeitos no mundo fenomenal.” (BLAVATSKY, 1993, p. 323 – 324).

Como consequência lógica, segue que, por definição, *Saguṇa Brahman*, ou *Īśvara*, por ser manifestado, é condicionado e submetido à lei do *karma*, e portanto Sua onipotência é parcialmente limitada por tal lei que tem origem em *Parabrahman*, não se aplicando plenamente a proposição [1] de Mackie na Introdução, de modo que

o problema do mal na sua forma clássica já não se aplica também a *Īśvara*. Similarmente à Santíssima Trindade do Cristianismo, *Īśvara* se apresenta com três aspectos chamados *Brahmā*, *Viṣṇu* e *Śiva*, conforme já foi mencionado na comparação com o Budismo, mas *Īśvara* é limitado a manifestações periódicas no tempo na ilusão da manifestação ou *Māyā*, conforme a tradição hindu: “*Parabrahm*, mais *Māyā*, se torna *Īśvar*, o princípio criativo – um poder normalmente chamado de Deus, que desaparece e morre com o resto quando vem o *pralaya*” (SINNET, 2001, v. 1, p. 286) ou período de reabsorção em *Parabrahman*.

Embora a imensa maioria da população da Índia seja dualista (*Dvaita*), e, portanto, crê que o homem e Deus são separados, buscando apenas alguma salvação num paraíso após a morte, conforme considera Vivekananda, pois “o homem comum não consegue pensar em nada que não seja concreto” (VIVEKANANDA, 2004, p. 108), e assim sejam até adoradores de vários deuses, *Brahman* é o soberano Deus dos deuses no Hinduísmo, com seus aspectos como foi visto. Então, os deuses menores não são onipotentes, não se aplicando à proposição [I] de Mackie na Introdução, mas se assemelham mais a hostes angélicas, que tem diferentes graus de intensidades e poderes subordinados a “uma hierarquia ou graduação das manifestações, estados ou transformações da essência, que tudo abrange” (ZIMMER, 2012, p. 251), ou seja, *Brahman*, “[...] da antiga hierarquia mitológica, na qual os vários deuses estavam classificados conforme a extensão de suas esferas de poder” (*Ibidem*, p. 251), conforme considera Zimmer. Por exemplo, Besant considera que muitos dos males e *karmas* coletivos de uma nação, como mau tempo, inundações, secas, furacões, terremotos, epidemias de “doenças, e falta de alimentos e outros problemas nacionais vêm da completa negligência dos homens aos deveres para com os Devas” (BESANT, 1998, p. 24) ou anjos, e acúmulos de efeitos de más ações e maus pensamentos de ganância, luxúria, inveja, violência, agressão aos animais e à natureza, etc., todos derivados da ignorância espiritual ou *avidyā*. Assim, por consequência da lei do *karma*, que constitui uma solução hindu e também budista para o problema do mal, como foi visto, conforme considera Vivekananda: “unicamente o homem, de acordo com essa teoria, é o responsável. A culpa não pode ser atribuída a Deus. Ele,

o Pai, eternamente misericordioso, não pode ser responsabilizado. ‘Colhemos o que semeamos.’” (VIVEKANANDA, 2004, p. 109)³¹.

Vivekananda também lembra que a filosofia *Vedānta*, uma das seis *darshanas* ou filosofias ortodoxas (*āstika*) da Índia, literalmente significa ‘fim dos Vedas’, mas ele prefere referir mais poeticamente como “a flor dos Vedas” (*Ibidem*, p. 44), não tendo qualquer incompatibilidade ou conflito com “qualquer outra tradição religiosa do mundo” (VIVEKANANDA, 2004, p. 44), possui pelo menos três escolas, como se fossem três estágios: “O pensamento religioso da Índia começa com o dualismo, passa pelo não-dualismo com atributos [qualificado], e termina no não-dualismo perfeito.” (VIVEKANANDA, 2004, p. 118). Portanto, depois do dualismo, que foi visto, segue o não-dualismo qualificado (*Viśiṣṭādvaita*) que admite a onipresença de Deus, com imanência e transcendência, caracterizando um caso de “panenteísmo” (ABBAGNANO, 1999, p. 74)³², e, portanto, que Deus deve estar também dentro do ser humano, e assim Vivekanada resume a filosofia desta escola: “o universo inteiro e as almas constituem o corpo de Deus, e Deus é a Alma das almas [...] a alma é por natureza pura e torna-se impura por seus próprios atos” (VIVEKANANDA, 2004, p. 111), sendo também regulada pela lei do *karma*, aprendendo com os resultados de suas ações. Quando evoluindo assim as almas “conseguem expandir seus poderes tornando-se perfeitas, não há mais nascimento nem morte para elas; vivem em Deus, para sempre.” (*Ibidem*, p. 112).

Advaita Vedānta é a terceira escola que Vivekanada considera a “última e mais bela flor da filosofia” (*Ibidem*, p. 112)³³, é monista ou não-dualista, e sua essência se resume na frase de *Śankara*: “*Ātman é Brahman*” (ŚANKARA, 1992, p. 113)³⁴, ou seja, numa tradução livre, que o espírito do ser humano é idêntico a Deus. Esta escola questiona ou elimina até a proposição [3] de Mackie na Introdução, afirmando

³¹ Trata-se essencialmente, com já foi visto, de uma variante do livre-arbítrio como solução para o problema do mal como é apresentada por Platão em *A República*: “A responsabilidade é de quem escolhe: Deus está inocente nisso.” (PLATÃO, 1996, p. 234.).

³² Caracteriza uma síntese entre panteísmo e teísmo, pois preserva características de imanência e transcendência, como na afirmação de *Śrī Kṛṣṇa*, personificando a Divindade: “Havendo impregnado todo este universo com um único fragmento de Mim mesmo, Eu permaneço.” (BHAGAVAD-GITĀ, 2014, p. 189. [X: 42]).

³³ “...a última e mais bela flor da filosofia e da religião já produzida por qualquer povo, em qualquer época. Nela o pensamento humano atinge sua mais elevada expressão e consegue desvendar até mesmo o mistério que parece insondável.” (VIVEKANANDA, 2004, p. 112).

³⁴ “Compreendendo que *Ātman é Brahman* e que nele este Universo é refletido, como uma cidade num espelho, tu alcançarás a meta final.” (ŚANKARA, 1992, p. 113. [sl. 292]).

que tudo no mundo manifestado, talvez por sua transitoriedade, incluindo o mal, é apenas ilusão ou *Māyā*. Como diz Vivekananda: “Não haverá mais ilusão assim que a verdade for vista. [...] Não há dois, só existe um. É um erro dizer ‘você’ e ‘eu’ [...] Destrua a diferenciação, destrua a superstição de que há muitos.” [VIVEKANANDA, 2004, p. 116 – 117], “A mente não existe, o corpo não existe.” [Ibidem, p. 144]. *Śrī Ramana Maharṣi* chega a afirmar que “a ideia de que ‘eu sou o corpo’ é a semente de todo sofrimento.” [OSBORNE, 1997, p. 141]³⁵.

Talvez a melhor maneira para se tentar compreender o conceito não-dualista de *māyā* ou ilusão seja pela transitoriedade: se algo é transitório, então não pode ser real, pois se desfaz como num sonho. O conhecimento científico atual permite que se compare o universo com um oceano de energia com diferentes graus de condensação [LINDEMANN, 2016, p. 12 – 13]³⁶, mas tal conhecimento meramente intelectual não impede que se continue na ilusão. Segundo as Filosofias da Índia em geral, incluindo também o Budismo e o *Yoga*, somente pela meditação e atingindo o *samādhi* [LINDEMANN, 2015, p. 1]³⁷ ou êxtase se pode alcançar tal iluminação

³⁵ A técnica de meditação de *Śrī Ramana Maharṣi*, denominada *Maha-Yoga-Vicāra*, é sempre inquirir ‘Quem sou eu?’. “... nós consideramos que o corpo é identificado com o ‘eu’, porque os movimentos e funções similares pertencem ao corpo. Pode o corpo então ser essa ‘consciência do eu? Ele [o corpo] não estava lá antes do nascimento, é composto dos cinco elementos, está ausente [da nossa consciência] durante o sono, e [finalmente] se torna um cadáver. Não, ele não pode ser [essa ‘consciência do eu’]. Este senso de ‘eu’, que surge no corpo por enquanto, é de outro modo chamado de ego, ignorância, ilusão, impureza, ou eu individual. A finalidade de todas as Escrituras é esta perquirição do Ser.” [OSBORNE, 1997, p. 18 – 19].

³⁶ “Da mesma forma, o Universo periódico manifestado poderia ser descrito por uma analogia científica como um oceano de energia ou luz, simbolizando a unidade fundamental de tudo, uma vez que o Dr. Einstein descobriu a mútua conversibilidade da energia e da matéria [$E=mc^2$]. Perceber este oceano de luz é a iluminação. Neste imenso oceano de luz ou energia, poderíamos ser percebidos como formas de condensação vivas desta energia, como fragmentos de gelo flutuando em um oceano. Somos diferenciações temporárias dentro daquele imenso oceano de luz. Nesta analogia, o gelo poderia representar o nosso corpo; a água líquida representar a nossa alma, e o vapor representar o nosso espírito, diferentes condensações da mesma coisa. De alguma forma, Madame Blavatsky foi capaz de antecipar a Ciência quando publicou, em 1888, na DS, uma ideia similar de que a Matéria é uma condensação do Espírito: ‘Tais seres são os “Filhos da Luz”, porque emanam e são autogerados naquele Oceano Infinito de Luz, de que um dos polos é o *Espírito* puro perdido no absoluto do Não-Ser, e o outro polo é a *Matéria*, na qual ele se condensa, cristalizando-se em tipos cada vez mais grosseiros, à medida que desce na manifestação.’ [BLAVATSKY, 1993, v. 2, p. 191]” [LINDEMANN, 2016, p. 12 – 13].

³⁷ O *samādhi* é um estado de intensa e extraordinária concentração da mente, também traduzido por êxtase: “Patañjali em seus *Yoga-Sūtras* compila não apenas uma filosofia teórica do *Yoga*, mas também um método experimental, como se fosse um tipo especial de ciência na medida em que, conforme considera Taimni, se apresenta ‘como uma ciência para desvendar os mistérios mais profundos da vida e descobrir a Realidade dentro de nós.’ [TAIMNI, 1992, p. 69]. Sua técnica essencial é o *Samādhi*, que pode assim ser considerado como um meio de se obter conhecimento, tanto num aspecto primário para a descoberta da essência de nossa própria consciência, como nos casos de *Nirbīja-Samādhi* e

(TAIMNI, 2009, p. 103³⁸, ou percepção direta da verdade. Assim, o Hinduísmo em suas diferentes escolas chega a eliminar ou apresentar solução para cada uma das três proposições que constituem o Problema do Mal proposto por Mackie na Introdução.

Conclusão:

No caso do Cristianismo, talvez alguma qualificação restritiva deva ser necessária à interpretação da palavra onipotência para que ela seja aplicável à manifestação Divina no tempo e no espaço. Por outro lado, a solução de que “o mal é devido ao livre-arbítrio humano”, como apresentada por Platão e Plantinga, parece ser ali reconhecida, mesmo por seus opositores, como a que melhor se aplica ao Problema do Mal, e está similarmente ligada à lei do *karma* nas Filosofias da Índia, pois inocentam Deus ao atribuírem a responsabilidade aos seres humanos por seus atos. Entretanto, mesmo Mackie sugere, em sua conclusão, que “podem existir outras soluções que requeiram exame.” (MACKIE, 1955, p. 212)³⁹. Isso parece aplicar-se principalmente ao Budismo, por prescindir de Deus e sustentar a lei do *karma*; e ao Hinduísmo por também sustentar a lei do *karma* e, além disso, por subdividir a Divindade em dois aspectos – um supremo (*Parabrahman*), mas impessoal e sem atributos, que é antes uma lei imutável destituída de bondade ou maldade à qual não

Dharma-Megha-Samādhī (*Yoga-Sūtra* I: 51; IV: 29), como também num aspecto secundário para se obter conhecimento referente ao mundo que nos rodeia por meio de *siddhis* ou poderes de percepção extra-sensorial (PES) que podem ser desenvolvidos pelo *Samādhī*...” (LINDEMANN, 2015, p. 1).

³⁸ Como Besant também menciona, a iluminação é apenas o último estágio da perfeição humana da alma (*Jīva* ou *Jīvātman*, um Ser separado), mas a evolução continua infinitamente: “O *Jīva*, nós vimos, é uma porção de *Brahman* [...] como uma semente ele [*Jīva*] é deixado na matéria por poderes, até que ele se torna *Īśvara*; ele não pode se tornar nenhuma outra coisa, porque sua natureza é a mesma de seu Pai, *Īśvara*.” (BESANT, 1998, p. 34 – 35). Assim também considera a escola Shivaísta (*Kāśmīr Śaiva Philosophy*) no *Pratyabhijñā Hridayam* de *Kṣemarāja* em seu último *sūtra* (número 20) sobre a iluminação: “É então atingido aquele percebimento todo abrangente da Realidade Última, que é a essência da consciência e da bem-aventurança, na qual está presente, inerentemente, o poder integrado do som capaz de criação e destruição de qualquer espécie, em qualquer lugar e em qualquer tempo, e que confere a condição de Senhor (*Īśvara*) sobre a hierarquia das deidades atuantes, num determinado sistema manifestado que, em resumo, é a Realidade Última designada como *Śiva*.” (TAIMNI, 2009, p. 103). Assim parece que estas escolas hinduístas aplicam literalmente os ensinamentos do Cristo: “Sois deuses” (BÍBLIA SAGRADA, 1999. João X: 34); “Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.” (BÍBLIA SAGRADA, 1999. Mateus V: 48).

³⁹ Podem ser citadas como exemplo principalmente as soluções sugeridas acima nas notas 12, 14, 17, 18, 19, 25 e 28.

se aplica a proposição [2] de Mackie; e o outro aspecto pessoal (*Īśvara*), que é condicionado, cíclico, e não totalmente onipotente, portanto, ao qual não se aplica a proposição [1] de Mackie, por estar submetido ao aspecto supremo e inclusive à lei do *karma*, que é soberanamente universal – cada um assim eliminando uma das proposições iniciais. Nos casos especiais da *Mādhyamika* do Budismo Tibetano e do *Advaita Vedānta* do Hinduísmo, apresentam-se soluções para todas as três proposições que constituem o Problema do Mal proposto por Mackie na Introdução.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BESANT, Annie, comp. *Sanātana Dharma: an elementary textbook of hindu religion and ethics*. Chennai [Madras]: Theosophical Publishing House, 1998.

_____. *Seven Great Religions*. Chennai: Theosophical Publishing House, 2000.

BHAGAVAD-GĪTĀ. Trad. de Ricardo Lindemann. 2. ed. Brasília: Teosófica, 2014. Versão inglesa de Annie Besant do original sânscrito.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. de João Ferreira de Almeida. [Revista e Atualizada no Brasil] 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BLAVATSKY, H.P. *A Doutrina Secreta*. São Paulo: Pensamento, 1993.

SINNET, A. P. *Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett*. Brasília: Teosófica, 2001.

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA DE CAMBRIDGE. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

DESCARTES, René. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Unicamp, 2004.

HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005.

JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. *Paidéia*. a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LEADBEATER, C.W. *A Gnose Cristã*. Brasília: Teosófica, 1994.

LINDEMANN, Ricardo. *Reconciliação do Platonismo com o Cristianismo na Relação Mestre e Discípulo*: uma análise a partir de *Migalhas Filosóficas* e Kierkegaard. Dissertação [Mestrado em Filosofia] – Programa de Pós-graduação do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16594/1/2014_RicardoLindemann.pdf> Acesso em: 03 jul. 2017.

_____. A Essência de “A Doutrina Secreta”. In: I CONGRESSO LUSÓFONO ESOTERISMO OCIDENTAL, 1., 2016, Lisboa. *Actas/Anais I Congresso Lusófono Esoterismo Ocidental*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2016. [Teosofia Antiga e Moderna] p. 5-16. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7635/Ata%20Teosofia%20Antiga%20e%20Moderna.pdf?sequence=1>> Acesso em: 04 jul. 2017.

_____. O Samadhi ou Êxtase como Meio de Conhecimento. In: V CONGRESSO ANPTECRE, 5., 2015, Curitiba. *Anais do Congresso ANPTECRE*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), 2015. v. 05, 2015, p. ST0705 p. 1 – 8. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/5anptecre?dd99=pdf&ddl=15424>> Acesso em 04 jul. 2017

LINDEMANN, Ricardo & OLIVEIRA, Pedro. *A Tradição-Sabedoria*. uma introdução ao estudo comparado de filosofia oriental e ocidental. 5. ed. Brasília: Teosófica, 2011.

MACKIE, John Leslie. Evil and Omnipotence. In: *Mind*, Oxford, v. 64, n. 254, [Apr.] 1955. p. 200 – 212.

OLCOTT, H.S. *Catecismo Budista*. São Paulo: Ibrasa, 1983.

_____. *The Buddhist Catechism*. 47th ed., 5th reprint. [First ed. 1881] Chennai [Madras]: Theosophical Publishing House, 1986.

ORIGEN. *On The First Principles*. [Koetschau's text of *De Principiis*] 1st Introduction by Henry de Lubac. 2nd Introduction and Translation by G.W. Butterworth [Former Edition: New York, Harper & Row, 1966] Gloucester, MA, USA: Peter Smith Pub. Inc., 1973.

ORÍGENES. *Tratado sobre os Princípios*. Introd. Bento Silva Santos. Trad. João Eduardo Pinto Basto Lupi. São Paulo: Paulus, 2012. [Coleção Patrística; 30]

OSBORNE, Arthur, comp. *The Collected Works of Ramana Maharshi*. York Beach: Weiser Books, 1997.

PLANTINGA, Alvin. God, evil and the metaphysics of freedom. In: *The Nature of Necessity*. Oxford: Oxford University Press, 1974. p. 164 – 196.

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 12. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010.

_____. *A República [de]*. Trad. J. Guinsburg. 1. ed. 2. reimp. São Paulo, Perspectiva: 2012.

_____. *Diálogos: A República*. Trad. Leonel Vallandro. [Direitos cedidos por Editora Globo S.A.] 24. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

PRUTHI, R.K. *Buddhism and Indian Civilization*. New Delhi: Discovery Publishing House, 2004.

RAVINDRA, Ravi. *Sussurros da Outra Margem*. Brasília: Teosófica, 1991.

ŚANKARA. *Viveka-Chūdāmani: a joia suprema da sabedoria*. Brasília: Teosófica, 1992.

SILVA, G. & HOMENKO, R. *Budismo: psicologia do autoconhecimento*. São Paulo: Pensamento, 1999.

TAIMNI, I. K. *A Ciência do Yoga*. [Comentários sobre os *Yoga-Sūtras* de Patañjali à Luz do Pensamento Moderno] Brasília: Teosófica, 1996.

_____. *O Homem, Deus e o Universo*. São Paulo: Pensamento, 1989.

_____. *O Segredo da Autorrealização*. Brasília: Teosófica, 2009.

_____. *Preparação para Yoga*. Brasília: Teosófica, 1992.

VIVEKANANDA, Swami. *O Que É Religião*. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2004.

ZIMMER, Heinrich Robert. *Filosofias da Índia*. [Compilado por Joseph Campbell] 5. ed. São Paulo: Palas Athena, 2012.